Conflitos, Ambiente e Saúde: a tríade da crise global

Como guerras destroem ecossistemas, como o colapso ambiental alimenta conflitos e porque a saúde humana paga o preço mais alto de tudo isso

Conflictos, medio ambiente y salud: la tríada de la crisis global
Cómo las guerras destruyen los ecosistemas, cómo el colapso ambiental alimenta los conflictos y por qué la salud humana paga el precio más alto de todo esto

Conflict, Environment, and Health: the triad of the global crisis
How wars destroy ecosystems, how environmental collapse fuels conflict, and why human health pays the highest price for all of this

Luiz Augusto Galvão e Danielly de P. Magalhães

Resumo. Este artigo analisa a interconexão crescente entre conflitos armados, degradação ambiental e impactos na saúde, demonstrando que essas três dimensões formam uma crise sistêmica global. O aumento do número e da duração dos conflitos, que atingiram cerca de 130 guerras ativas em 2024, tem provocado mortes, deslocamentos massivos e colapso de sistemas de saúde, além de intensificar a destruição de ecossistemas e a contaminação de solo, água e ar. Ao mesmo tempo, as mudanças climáticas e a escassez de recursos naturais atuam como fatores que ampliam tensões sociais e podem alimentar novos conflitos, especialmente em regiões vulneráveis como o Sahel, Darfur e a bacia do Lago Chade. Os conflitos também contribuem para a crise climática por meio de emissões militares significativas e da destruição de infraestrutura, que exige nova exploração de recursos naturais para reconstrução. Esse ciclo de retroalimentação resulta em graves impactos à saúde, incluindo aumento de doenças infecciosas, desnutrição, deslocamento populacional e crises de saúde mental. Diante desse cenário, o relatório defende a necessidade de um novo contrato social e ambiental que integre políticas de paz, ambiente e saúde, amplie o financiamento climático para populações vulneráveis e incorpore as emissões militares nas políticas climáticas internacionais.

Palavras-chave: Conflitos armados. Mudanças climáticas. Saúde global. Degradação ambiental. Deslocamento forçado.

Resumen. *Este artículo analiza la creciente interconexión entre los conflictos armados, la degradación ambiental y los impactos en la salud, demostrando que estas tres dimensiones conforman una crisis sistémica global. El aumento del número y la duración de los conflictos, que alcanzaron cerca de 130 guerras activas en 2024, ha provocado muertes, desplazamientos masivos y el colapso de los sistemas de salud, además de intensificar la destrucción de los ecosistemas y la contaminación del suelo, el agua y el aire. Al mismo tiempo, el cambio climático y la escasez de recursos naturales actúan como factores que amplifican las tensiones sociales y pueden alimentar nuevos conflictos, especialmente en regiones vulnerables como el Sahel, Darfur y la cuenca del lago Chad. Los conflictos también contribuyen a la crisis climática a través*

de emisiones militares significativas y la destrucción de infraestructura, lo que exige una nueva explotación de recursos naturales para la reconstrucción. Este ciclo de retroalimentación tiene graves repercusiones en la salud, entre ellas el aumento de las enfermedades infecciosas, la desnutrición, los desplazamientos de población y las crisis de salud mental. Ante este escenario, el informe defiende la necesidad de un nuevo contrato social y ambiental que integre políticas de paz, medio ambiente y salud, amplíe la financiación climática para las poblaciones vulnerables e incorpore las emisiones militares en las políticas climáticas internacionales.

Palabras clave. *Conflictos armados. Cambio climático. Salud global. Degradación ambiental. Desplazamiento forzado***.**

Abstract. *This report examines the growing interconnection between armed conflicts, environmental degradation, and health impacts, showing that these three dimensions form a systemic global crisis. The increasing number and duration of conflicts—reaching approximately 130 active conflicts in 2024—have resulted in deaths, mass displacement, and the collapse of health systems, while also intensifying ecosystem destruction and contamination of soil, water, and air. At the same time, climate change and natural resource scarcity act as threat multipliers, increasing social tensions and contributing to the emergence or escalation of conflicts, particularly in vulnerable regions such as the Sahel, Darfur, and the Lake Chad basin. Armed conflicts also contribute to the climate crisis through significant military emissions and the destruction of infrastructure, which requires additional extraction of natural resources for reconstruction. This reinforcing cycle produces severe health consequences, including increased infectious diseases, malnutrition, forced displacement, and mental health disorders. In response, the report calls for a new social and environmental contract that integrates peace, environment, and health policies, expands climate finance for vulnerable populations, and incorporates military emissions into international climate governance frameworks.*

Keywords. *Armed conflicts. Climate change. Global Health. Environmental degradation. Forced displacement.*

Nunca antes na história recente três dimensões da existência humana estiveram tão inextricavelmente entrelaçadas: os conflitos armados, a degradação ambiental e o colapso da saúde pública. O que parecia ser uma série de crises separadas revela-se, à luz dos dados mais recentes, um único sistema de retroalimentação, onde cada elemento agrava os demais e onde as populações mais vulneráveis do planeta pagam com a vida, com a saúde e com o futuro.

O Global Risks Report 2025 do Fórum Econômico Mundial, elaborado com as opiniões de mais de 900 especialistas, traça um cenário sombrio: quase dois terços dos entrevistados antecipam um mundo turbulento ou tempestuoso até 2035, impulsionado pelo agravamento simultâneo de desafios ambientais, geopolíticos e sociais. Não estamos diante de crises paralelas. Estamos diante de uma só crise, multifacetada e em aceleração.

O número de conflitos armados no mundo continua aumentando e atingiu cerca de 130 conflitos em 2024, mais que o dobro do registrado há aproximadamente 15 anos. Muitos desses confrontos tornaram-se prolongados: mais de 20 guerras já duram mais de duas décadas, fazendo com que gerações inteiras cresçam sem nunca ter vivido em um contexto de paz. Esse cenário evidencia uma tendência de conflitos cada vez mais persistentes e complexos, com impactos humanitários duradouros e ciclos de violência que se perpetuam ao longo do tempo (Figura 1).

Figura 1. Principais estatísticas globais

+25%	**223 mil**	**1,6 bi**	**120 mi**
Aumento da violência política global em 2024 vs. 2023	Pessoas mortas em conflitos armados em 2024	Pessoas vivendo em zonas de conflito ou deslocamento	Pessoas deslocadas à força no mundo
ACLED, 2025	*ACLED, 2025*	*OMS, 2025*	*ACNUR, 2024*

Fonte: Armed Conflict Location & Event Data

Além disso, os conflitos contemporâneos estão se expandindo para novas dimensões tecnológicas e territoriais. As linhas de frente hoje se estendem tanto no espaço físico quanto no digital, com o uso crescente de drones, inteligência artificial e operações cibernéticas, que transformam a dinâmica das hostilidades e frequentemente ampliam os impactos sobre a população civil. Ao mesmo tempo, estima-se que mais de 204 milhões de pessoas vivem atualmente em áreas sob controle total ou contestado de grupos armados, frequentemente fora do alcance das instituições estatais e de serviços essenciais básicos.

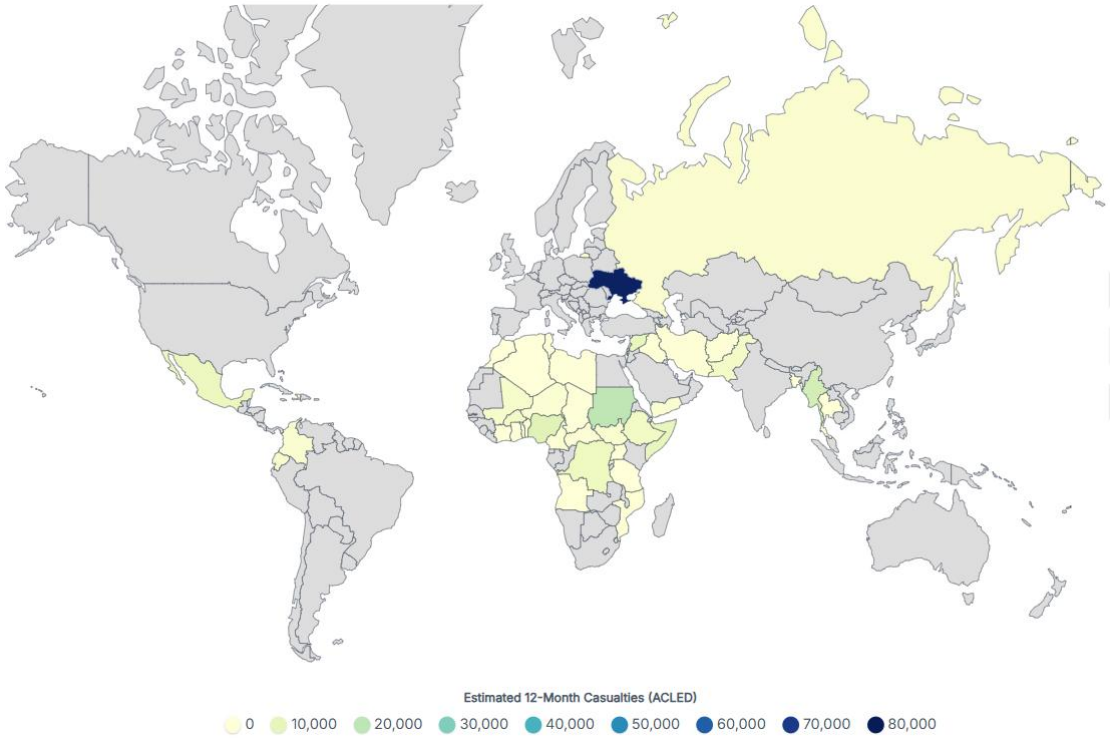
Segundo o Global Peace Index, atualmente existem cerca de 59 conflitos armados estatais ativos, o maior número desde a Segunda Guerra Mundial, envolvendo dezenas de países direta ou indiretamente. Cerca de oito desses são considerados “grandes guerras” causando mais de 10 mil mortes por ano (Figura 2).

Entre os conflitos mais prolongados destacam-se a guerra na Ucrânia, iniciada em 2014 e intensificada com a invasão russa em 2022; o conflito entre Israel e Gaza, que se insere em uma disputa histórica entre israelenses e palestinos; e os conflitos no Iraque, que persistem desde a invasão liderada pelos Estados Unidos em 2003 e continuam na forma de insurgências e disputas regionais. Outros exemplos de guerras prolongadas incluem os conflitos na Síria, no Iêmen e no Sudão, que têm causado grandes crises humanitárias e deslocamentos populacionais em larga escala.

I. Os conflitos e seus rastros

As consequências imediatas dos conflitos armados são devastadoras: vidas perdidas, cidades arrasadas, infraestruturas de saúde destruídas. A OMS registrou, somente em 2024, 1.515 ataques a unidades de saúde em zonas de conflito. Hospitais bombardeados, profissionais assassinados, cadeias de medicamentos interrompidas. O direito à saúde, garantido pelo direito internacional humanitário, torna-se letra morta sob as bombas.

Figura 2. Mortes relacionadas à conflitos armados



Fonte: ACLED, 2026

> *"De conflitos a mudanças climáticas, estamos enfrentando crises interligadas que exigem uma ação coordenada e coletiva."*
>
> **Mark Elsner, Fórum Econômico Mundial — Global Risks Report 2025**

Além das mortes diretas, os conflitos geram um efeito sanitário em cascata. A destruição de sistemas de água e saneamento favorece surtos de cólera e outras doenças infecciosas. A ruptura dos serviços de vacinação expõe populações a doenças há muito controladas. Em 2025, a OMS identificou 42 emergências de saúde em andamento, sendo 17 classificadas como "grau 3" — as mais graves —, concentradas justamente nas zonas de maior conflito: Gaza, Sudão, Ucrânia, Iêmen, Afeganistão, RDC e outros (Tabela 1).

Tabela 1. Emergências de Saúde Grau 3 segundo a OMS.

Região/País	Tipo principal de crise	Grau OMS
Gaza / Palestina	Conflito + colapso total de saúde	**Grau 3**
Sudão	Guerra civil + deslocamento	**Grau 3**
Ucrânia	Invasão + infraestrutura destruída	**Grau 3**
Iêmen	Conflito crônico + fome	**Grau 3**

Afeganistão	Instabilidade + doenças endêmicas	**Grau 3**
RDC	Grupos armados + epidemias (mpox)	**Grau 3**
Mianmar	Conflito + clima extremo	**Grau 3**

Fonte: OMS — Health Emergency Appeal 2025

II. O Meio Ambiente como Vítima Silenciosa

Se a guerra destrói cidades e mata pessoas, ela também assassina ecossistemas — e o faz de forma silenciosa, às vezes por décadas. Os danos ambientais dos conflitos armados operam em múltiplas frentes simultaneamente.

Contaminação do Solo, da Água e do Ar e agravamento da mudança climática

Armamentos explosivos liberam metais pesados e substâncias tóxicas que se infiltram nos aquíferos e nos solos agrícolas. Na Ucrânia, cujo conflito com a Rússia eclodiu com violência total em fevereiro de 2022, o ministro do Meio Ambiente Ruslan Strilets descreveu a destruição da barragem de Kakhovka em junho de 2023 como "o maior crime ambiental cometido desde o primeiro dia da invasão" — um ato de ecocídio com consequências que perdurarão por décadas. O evento destruiu habitats, contaminou águas e deslocou dezenas de milhares de pessoas.

Na República Democrática do Congo, mais de 250 grupos armados locais e 14 estrangeiros disputam territórios e minas de minerais críticos. Essa disputa gera altos níveis de desmatamento, perda de biodiversidade e contaminação hídrica, com níveis elevados de cobalto documentados nos lagos próximos às áreas de mineração, ameaçando toda a cadeia alimentar local (Williams et al., 2021).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou recentemente para riscos significativos à saúde após ataques e explosões em instalações petrolíferas e refinarias no Irã. Segundo a OMS, esses incêndios produziram uma mistura de hidrocarbonetos, óxidos de enxofre e nitrogênio, fuligem e metais pesados, que se dispersaram no ar e posteriormente retornaram à superfície na forma de uma precipitação escura conhecida como "chuva negra". Moradores de Teerã relataram sintomas imediatos como irritação nos olhos e na pele, dores de cabeça, tosse e dificuldades respiratórias, enquanto especialistas alertam que a exposição a partículas tóxicas — incluindo hidrocarbonetos aromáticos policíclicos (PAHs) — pode aumentar o risco de doenças cardiovasculares, pulmonares e câncer a médio e longo prazo. Há também preocupação com a contaminação de água, solo e alimentos, o que pode ampliar os impactos para a saúde pública e para os ecossistemas locais.

Além da poluição atmosférica, conflitos armados também provocam destruição massiva de infraestrutura urbana, incluindo estradas, pontes, redes de energia, habitações e instalações industriais. Grande parte desses materiais — como aço, areia, pedra e água — já havia sido extraída da natureza para construir as cidades. Quando essa infraestrutura é destruída, a reconstrução exige nova exploração de recursos naturais, intensificando a pressão sobre ecossistemas e cadeias de suprimento de matérias-primas. Um exemplo importante é a produção de cimento, um dos principais insumos da reconstrução urbana. A fabricação de cimento é altamente intensiva em energia e responsável por uma parcela significativa das emissões globais de dióxido de carbono, contribuindo para o aquecimento global. Assim, além

dos impactos diretos sobre a saúde e o ambiente, os conflitos também geram efeitos ambientais indiretos, ao estimular novas extrações de recursos e emissões associadas à reconstrução das áreas devastadas.

III. Conflitos e Mudança Climática

Os militares são grandes poluidores, com estimativa de que a atividade militar diária é responsável por 5,5% (CI: 3.3%-7%) das emissões globais (Parkinson and Cottrell, 2022). Isso significa que, se as forças armadas do mundo fossem um país, teriam a quarta maior pegada de carbono – maior que a da Rússia. Esse percentual é similar às emissões globais do setor saúde para cuidar da vida de pessoas no mundo inteiro. Enquanto o setor da saúde avança para diminuir suas emissões, as emissões militares continuam amplamente subnotificadas, colocando em risco os caminhos socioeconômicos para cumprir as metas de 1,5°C ou 2°C. Historicamente, elas foram isentas de reporte obrigatório no Protocolo de Kyoto – Em 1997, o Protocolo de Kyoto excluiu as emissões militares da notificação obrigatória — por insistência dos EUA. Posteriormente, passaram a ser reportadas apenas de forma voluntária no âmbito do Acordo de Paris, como resultado, apenas seis nações (Alemanha, Hungria, Noruega, Eslováquia, Bulgária e Chipre) alcançaram classificações de transparência "justas" em 2025, enquanto os EUA, China e Rússia não forneceram dados significativos, deixando grande parte dessas emissões fora das estatísticas oficiais.

Estimativas indicam que os primeiros doze meses da guerra na Ucrânia produziram cerca de 120 milhões de toneladas de emissões de GEE, um volume comparável às emissões anuais de países inteiros, como a Bélgica. Por exemplo, a estimativa da pegada de carbono na Ucrânia demonstra como a guerra moderna gera emissões por múltiplos caminhos: operações militares (37%), incêndios paisagísticos (23%), reconstrução (23%), ataques a infraestrutura energética (8%) e deslocamento de refugiados (7%).

Em 2024 o gasto militar global alcançou cerca de US$ 2,7 trilhões por ano, refletindo o aumento das tensões geopolíticas e conflitos armados. Em contraste, no âmbito das negociações climáticas internacionais, os países concordaram em mobilizar pelo menos US$ 300 bilhões anuais para financiamento climático até 2035, valor destinado principalmente a apoiar países em desenvolvimento na mitigação e adaptação às mudanças climáticas. No entanto, especialistas estimam que as necessidades reais são muito maiores — cerca de US$ 1,3 trilhão por ano — e esse montante ainda não foi assumido como compromisso vinculante pelos países, permanecendo apenas como uma meta aspiracional mais ampla da comunidade internacional. Assim, mesmo com o novo acordo, os recursos prometidos para enfrentar a crise climática continuam muito abaixo do que seria necessário, especialmente quando comparados aos níveis atuais de investimento em defesa militar.

A indústria bélica e as atividades militares precisam ser reconhecidas como um dos grandes desafios climáticos ainda negligenciados. Diante da urgência da crise climática, torna-se essencial incluir a indústria bélica e as atividades militares entre os principais setores prioritários para redução de emissões, com maior transparência, monitoramento e metas claras de descarbonização

IV. Degradação Ambiental como Causa de Conflito

A relação entre ambiente e conflito não é unilateral. A degradação ambiental e a escassez de recursos também alimentam a violência. Além das disputas geopolíticas tradicionais, diversos conflitos contemporâneos estão ligados à escassez de recursos naturais e pressões ambientais, muitas vezes agravadas pelas mudanças climáticas. Um exemplo frequentemente citado é o conflito em Darfur, no Sudão, onde secas prolongadas e a redução de chuvas intensificaram disputas por água e terras entre agricultores e pastores. Situações semelhantes ocorrem na região do Sahel, onde desertificação, degradação do solo e insegurança hídrica ampliam tensões sociais e alimentam conflitos armados. No **Lago Chade**, a redução de recursos naturais e a competição por pesca, agricultura e pastagens também têm gerado violência e deslocamentos populacionais. Esses casos ilustram como mudanças ambientais e escassez de recursos podem atuar como fatores que amplificam conflitos e instabilidade política.

O PNUMA identificou, em 2024, oito "mudanças globais críticas" que aceleram a tríplice crise planetária — mudança climática, perda de biodiversidade e poluição — e o aumento dos conflitos armados figura entre elas (Tabela 2).

Tabela 2. Top Riscos Globais a 10 anos — WEF 2025

Risco Global	Categoria	Horizonte
1. Eventos climáticos extremos	Ambiental	Curto/Longo prazo
2. Conflitos armados	Geopolítico	Curto prazo
3. Perda de biodiversidade e colapso de ecossistemas	Ambiental	Longo prazo
4. Desinformação e IA adversarial	Tecnológico	Curto/Longo prazo
5. Escassez de recursos naturais	Ambiental	Longo prazo
6. Poluição (ar, água, solo)	Ambiental	Curto/Longo prazo
7. Desigualdade e polarização social	Social	Longo prazo

Fonte: World Economic Forum — Global Risks Report 2025 (900+ especialistas consultados)

V. Saúde na Encruzilhada das Crises

1. Saúde Mental: A Epidemia Invisível das Zonas de Guerra

A OMS, em seu Informe Mundial de Saúde Mental, é direta: guerra, crise climática e desigualdades sociais figuram entre as principais ameaças estruturais à saúde mental global. A exposição constante à violência, a perda de entes queridos e a instabilidade socioeconômica resultante de conflitos contribuem para patologias como ansiedade, depressão, trauma complexo e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). A depressão e a ansiedade

aumentaram mais de 25% apenas no primeiro ano da pandemia de COVID-19 — e essa tendência foi amplificada nas populações afetadas por conflitos.

2. O Duplo Risco: Conflito + Crise Climática

Um dos achados mais preocupantes do relatório Sem Escapatória, lançado pelo ACNUR na COP29 em novembro de 2024, é a sobreposição fatal entre zonas de conflito e zonas de vulnerabilidade climática. Três quartos dos 120 milhões de deslocados forçados no mundo vivem em países altamente impactados pelas mudanças climáticas. São pessoas que já perderam o lar pela guerra e que agora enfrentam inundações, secas e calor extremo nos campos de refugiados onde buscaram proteção.

> *"Em dez anos, desastres climáticos provocaram 220 milhões de deslocamentos internos — mais do que a população inteira do Brasil. Uma média de 60.000 deslocamentos por dia."*
>
> **ACNUR / COP29, Baku, novembro de 2024**

A projeção para o futuro é ainda mais alarmante. Até 2040, o número de países enfrentando perigos climáticos extremos deve crescer de apenas 3 para 65. A maioria desses países já abriga populações deslocadas por conflito. E até 2050, a maioria dos campos e abrigos de refugiados deverá enfrentar o dobro dos dias de calor extremo (Tabela 3).

Tabela 3. Deslocamentos Internos por Causa — 2023 (em milhões)

Causa	Pessoas (mi)	% do total
Desastres climáticos extremos	26,4	56%
Conflitos e perseguição política	20,4	43%
Outros fatores	0,1	1%
TOTAL	**46,9**	**100%**

Fontes: OIM/IDMC — Relatório de Monitoramento de Deslocamentos 2024; ACNUR 2024

Em suma, conflitos armados, mudanças climáticas e saúde estão cada vez mais interligados, formando um ciclo que amplifica riscos para as populações. As mudanças climáticas atuam como um "multiplicador de ameaças", intensificando a escassez de água, alimentos e terras produtivas, fatores que podem aumentar tensões sociais e contribuir para conflitos em regiões vulneráveis. Ao mesmo tempo, os conflitos agravam os impactos climáticos ao destruir infraestrutura, sistemas de saúde e meios de subsistência. Esse cenário gera diversos danos à saúde, incluindo mortes e ferimentos diretos, aumento da desnutrição e da insegurança alimentar, maior disseminação de doenças infecciosas (como cólera, malária e dengue) devido à falta de saneamento e deslocamentos populacionais, além de problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático. Assim, o entrelaçamento entre clima, conflitos e vulnerabilidade social representa um desafio crescente para a saúde pública global e para a estabilidade das comunidades.

VI. O Brasil no Mapa das Injustiças Socioambientais

O Brasil não está imune a essa dinâmica. O Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde, mantido pela Fiocruz/ENSP, documenta centenas de conflitos em todo o território nacional, onde comunidades quilombolas, indígenas, pescadores artesanais e agricultores familiares disputam o direito à terra, ao ambiente saudável e à saúde contra mineradoras, hidrelétricas, complexos eólicos e especulação imobiliária.

Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul viveu o maior desastre climático de sua história: chuvas torrenciais inundaram 80% dos municípios gaúchos, forçaram mais de 200 mil pessoas a abandonar seus lares e o lago Guaíba atingiu 5,33 metros — um recorde histórico. O episódio tornou-se símbolo da intersecção entre mudanças climáticas, vulnerabilidade social e falência das políticas de ordenamento territorial.

O Brasil figura, segundo a OIM, entre os seis países com maior número de deslocamentos internos provocados por desastres naturais — 745 mil deslocamentos registrados em 2023, número provavelmente superado após os eventos de 2024.

VII. Por um Novo Contrato Social e Ambiental

Diante de um cenário tão sombrio, o PNUMA e o ACNUR convergem em suas recomendações: é necessário um novo contrato social que reconheça a interdependência entre paz, ambiente e saúde. Esse contrato deve envolver vozes historicamente marginalizadas — povos indígenas, comunidades tradicionais, refugiados e os próprios jovens, que herdarão as consequências das decisões tomadas hoje.

No plano prático, os relatórios internacionais elencam prioridades urgentes: ampliar o financiamento climático para países frágeis e populações deslocadas (que atualmente recebem apenas US$ 2,10 per capita por ano para adaptação); integrar saúde, paz e ambiente nas políticas públicas nacionais; e reconhecer juridicamente os “refugiados climáticos” — uma categoria que ainda não existe formalmente no direito internacional, mas que já conta dezenas de milhões de pessoas.

> *“Para as pessoas mais vulneráveis do mundo, as mudanças climáticas são uma realidade dura que afeta profundamente suas vidas. A crise climática está impulsionando o deslocamento em regiões que já abrigam muitas pessoas deslocadas, deixando-as sem um lugar seguro aonde ir.”*
>
> **Filippo Grandi, Alto Comissário da ONU para Refugiados — COP29, 2024**

Ao mesmo tempo, torna-se indispensável reconhecer que os conflitos armados e as atividades militares também precisam ser incorporados de forma explícita às políticas climáticas globais. Historicamente, as emissões militares foram excluídas das obrigações de reporte no

Protocolo de Kyoto e, posteriormente, passaram a ser apenas voluntárias no Acordo de Paris, criando uma lacuna significativa na contabilidade global de emissões. Para corrigir essa falha, os acordos climáticos passem a exigir relatórios padronizados e obrigatórios sobre emissões militares, incluindo operações, bases, cadeias de suprimento da indústria bélica e emissões associadas a conflitos e reconstrução. Essas emissões devem ser integradas aos inventários nacionais de gases de efeito estufa e ao Global Stocktake do Acordo de Paris, permitindo maior transparência, metas de redução específicas para o setor de defesa e incentivos à transição energética dentro das forças armadas.

A cooperação internacional, enfraquecida por um multilateralismo em crise e por uma ordem global cada vez mais fragmentada, é condição sine qua non. Como alerta o Global Risks Report 2025: as consequências da inação poderão ser sentidas pelas gerações futuras. A inação, portanto, já não é uma opção moralmente aceitável.

Conclusão

Os dados apresentados neste relatório deixam claro que conflitos armados, degradação ambiental e crise climática não são fenômenos isolados, mas partes de uma mesma dinâmica global que ameaça a estabilidade dos ecossistemas, das sociedades e da saúde pública. Guerras não apenas destroem cidades e sistemas de saúde; elas contaminam solos e águas, destroem florestas e infraestruturas críticas e ampliam as emissões de gases de efeito estufa, aprofundando a crise climática. Ao mesmo tempo, a escassez de recursos naturais, intensificada pelas mudanças climáticas, alimenta tensões sociais e políticas, criando um ciclo de retroalimentação entre ambiente degradado, violência e colapso institucional.

Esse ciclo afeta de forma profundamente desproporcional as populações mais vulneráveis. Comunidades que menos contribuíram para a crise climática — povos indígenas, populações rurais, moradores de regiões frágeis, mulheres, crianças e refugiados — são justamente aquelas que enfrentam os impactos mais severos: deslocamento forçado, insegurança alimentar, exposição a doenças infecciosas, colapso dos serviços de saúde e uma epidemia silenciosa de sofrimento psicológico. Para muitos desses grupos, o conflito e o clima extremo não representam ameaças separadas, mas uma realidade simultânea que compromete sua sobrevivência, seus meios de vida e seu futuro.

Diante desse cenário, proteger a saúde pública global exige reconhecer que paz, ambiente e saúde são dimensões inseparáveis da segurança humana. Políticas climáticas eficazes não podem ignorar os impactos dos conflitos armados, assim como estratégias de paz e reconstrução precisam incorporar a proteção ambiental e a resiliência climática. Integrar essas agendas — ampliando o financiamento para adaptação, fortalecendo sistemas de saúde em contextos frágeis e incorporando as emissões militares nas políticas climáticas — não é apenas uma questão ambiental ou geopolítica, mas uma prioridade urgente para a proteção da vida humana. A história julgará nossa geração pela capacidade de romper esse ciclo e construir um futuro em que segurança, saúde e sustentabilidade caminhem juntas.

Referências

ACLED — Armed Conflict Location & Event Data. Conflict Watchlist 2025. https://acleddata.com

ACNUR. Sem Escapatória: Na linha de frente das mudanças climáticas, conflito e deslocamento forçado. COP29, novembro de 2024. https://www.acnur.org/br

Brisman, A.; South, N. (2018). Green Criminology and Environmental Conflicts. Palgrave Macmillan.

ClimaInfo. Mudanças climáticas forçaram deslocamento de um 'Brasil' em 10 anos. Novembro 2024. https://climainfo.org.br/2024/11/12

Fiocruz/ENSP. Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil. https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br

IBGC. Conflito armado é risco imediato, aponta Global Risks Report 2025. 2025. https://ibgc.org.br/blog/conflito-global-risks-report-2025

Migalhas. O meio ambiente como vítima silenciosa de guerras e conflitos armados. Setembro 2025. https://www.migalhas.com.br/depeso/439290

OIM/IDMC. Relatório de Monitoramento de Deslocamentos Internos 2024. https://www.internal-displacement.org

OMS. Informe Mundial de Saúde Mental: Transformar a saúde mental para todos. https://bvsms.saude.gov.br

Organização Mundial da Saúde (OMS). Health Emergency Appeals 2025. https://www.who.int/emergencies

Parkinson, S. & Cottrell, L. Estimating the Military's Global Green House Gas Emissions (Scientists for Global Responsibility (SGR)and the Conflict and Environment Observatory (CEOBS),2022).

PNUMA. Relatório de Perspectivas Ambientais Globais. Nairóbi: PNUMA, 2024. https://news.un.org/pt/story/2024/07/1834616

Williams, P. et al. (2021). Cobalt contamination and aquatic food chain risks near DRC mining sites. Environmental Science & Technology.

World Economic Forum. Global Risks Report 2025. Genebra, 2025. https://www.weforum.org/reports/global-risks-report-2025